CONTEMPORÂNEOS
REVISTA DE ARTES E HUMANIDADES
Edição nº 27
Estudos de Gênero II
NOVEMBRO DE 2026 A ABRIL DE 2027

A VIOLÊNCIA SISTÊMICA NAS ESCOLAS E OS IMPACTOS NA ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DOCENTE: UMA ANÁLISE DOS CENÁRIOS CONTEMPORÂNEOS

Tarcísio Bezerra de Lima Júnior[1]
tarcisiolimajr@gmail.com
Anaxsuell Fernando da Silva[2]
anaxsuell.silva@unila.edu.br

RESUMO

A pesquisa insere-se em um atual cenário sociocultural marcado pela insegurança e violência sistêmica em sociedade; maneira pela qual o estudo objetiva analisar os impactos dessa violência percebida nos espaços escolares e as suas implicações no desempenho do profissional docente, bem como estudar as consequências desse impacto nas organizações de ensino no que tange a rede pública de educação. Para tanto, foram aplicados questionários estruturados com perguntas objetivas e subjetivas condutores desse estudo, em escolas municipais e estaduais localizadas na cidade Natal/RN. A metodologia adotada foi a pesquisa descritivo-bibliográfica, alinhada às técnicas de análise de discurso na perspectiva de Orlandi (2020) e Peucheux (1993) aplicada na tabulação e estudo dos dados obtidos. Os resultados identificaram o perfil destes docentes e apontaram que a violência sistêmica sofrida por estes profissionais impacta grandemente no seu desempenho laboral, além de influenciar no desenvolvimento de síndromes e transtornos psíquicos e comportamentais, além de ausências em sala de aula afetando, por

[1] Doutorando em Ciências Sociais - Linha Complexidade, Cultura e Pensamento Social - PPGCS/CCLHA-/UFRN). Mestre em História (UFRN/2020), Pedagogo (UFRN/2023); Historiador (UFRN/2020). Possui graduação também em Administração - com ênfase em Marketing pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (2007); além das seguintes pós graduações: especialista em Gestão Pública pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (2010); MBA em Gestão de Conflitos pela Faculdade Natalense - FAL (2008), Pesquisa temas ligados ao conflito social, escravidão colonial (e pós colonial) e ocupação territorial dos espaços. Decolonialidade; trabalha com problematizações sociais, violência e suas tensões de convívio. Estuda e pesquisa Sociedades midiáticas e (intra e inter) relações em redes, ciberativismo, hoaxes, contrainformação, discurso de ódio (haters) e fakenews.

[2] Doutor em Ciências Sociais, com concentração em Antropologia, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É especialista em Saúde Pública (UCAM) e em Estudios Afrolatinoamericanos y Caribeños (CLACSO); Possui Diploma Superior em Salud Internacional y Soberanía Sanitária pela FLACSO/RD. E, além de Graduação em Psicologia, possui licenciatura e mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Foi Fulbright Visiting Scholar na University of Texas at El Paso (2022-23) com projeto sobre Migrações e Saúde em região de fronteira. Atualmente é professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila) e desenvolve pesquisas na região da Tríplice Fronteira (Argentina/Brasil/Paraguai). Seus interesses de investigação são Antropologia da Saúde; Saúde Mental; Fronteiras/Migrações; Religião; Direitos Humanos; Estudos (afro)latino-americanos e Caribenhos.

conseguinte, no alcance de metas organizacionais. Comprova ainda que não existe rede de apoio institucional que proteja e/ou acolha efetivamente este profissional assediado e vítima da violência no âmbito do exercício de suas atividades e nem amparo *in loco* nestes espaços.

Palavra – Chave: Violência Escolar. Docência. Esgotamento Mental. Rede de Apoio.

1. INTRODUÇÃO

"A violência marca como faca a história humana.
Ela expurga sonhos ao tempo que instaura terror social"
*(*Andrew Schneider)

Em 22 de maio de 2023, o Instituto Sou da Paz divulgou uma estatística inédita no país. Mapeando a violência dos ataques nas escolas brasileiras, os números mostram que o Brasil registrou 24 ataques em escolas, sendo o primeiro em 2002[3]. Desde então, ocorreram 23 novos atentados. 75% dos ataques, que aconteceram nos últimos anos, vitimaram 192 pessoas, sendo 45, fatalmente. Contudo, a violência não se caracteriza apenas pelo ato cabal do homicídio em si, são diversas as formas de agressão, ataques, assédios e cerceamentos, que se apresentam de forma física e/ou psicológica.

A violência vem se tornando evento cotidiano e sistêmico (PERALVA, 1996; SPOSITO, 1997). Atualmente, vivemos em uma sociedade eivada de hábitos e estes hábitos adjetivam a própria sociedade a ponto de caracterizá-la no tempo e espaço de sua existência; e, neste sentido, há uma profusão de termos que adjetivam hoje a nossa sociedade: da informação (CASTELLS, 2005; SILVEIRA, 2021); da tecnologia (FRANKLIN, 1990: SILVA, 2022); do cansaço (HAN, 2015); da superexposição (BAUMAN, 2007, 2021a); do consumismo (BAUMANN, 2021b; DA MATTA, 1997); do adoecimento (DUNKER, 2015) e também da violência (SOARES, 2006).

[3] Agência Brasil. Brasil teve 24 ataques a escolas; mais da metade nos últimos 4 anos no total, 45 pessoas morreram e 137 ficaram feridas. BOND, Letycia. Disponível em:< https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-05/brasil-teve-23-ataques-escolas-mais-da-metade-nos-ultimos-4-anos >. Acessado em 21 de julho de 2023.

O alcance da violência atinge todos os setores da vida cotidiana do cidadão brasileiro segundo dados do Observatório da Violência[4] e o Safernet[5]. Ouvimos palavras de incitação ao ódio e violência nas igrejas; nas reuniões de família; nos clubes e no trabalho. Assim não demorou para que adentrasse também nas escolas, também, de forma sistemática. A crescente violência nos espaços escolares tem provocado grandes debates e chamado atenção da sociedade, inclusive em âmbito mundial. Um imbróglio que paira nas mesas dos gestores escolares, ganha destaque nos lares dos pais e demais responsáveis; promovendo discussões dos diversos agentes públicos e governamentais (SPOSITO, 1997; CHARLOT, 2016).

Não só a violência se tornara institucionalizada, mas também tem provocado desdobramentos de considerável impacto nas rotinas dos professores no que concerne ao indivíduo (sujeito social) enquanto executor de atividades pedagógicas e laborais. Repercutindo, pois, numa imersão problemática na própria esfera privada desse sujeito.

Muito se tem produzido na academia a respeito da violência nas escolas e seus desdobramentos no comportamento, desempenho, vida social e acadêmica na perspectiva dos alunos, a exemplo cita-se o Observatório Escolar[6]; embora seja importante tal iniciativa de pesquisa, vislumbra-se, porém, poucos estudos que se mostram interessados ao que ocorre com a classe docente no âmbito de seu labor. Como estes são afetados pela violência ao longo dos anos durante o exercício de lecionar nas séries, cursos e escolas, considerando que muitos destes professores lecionam em outras escolas concomitantemente, o que torna exponencial a sua exposição às violências praticadas (MAFESSOLLI, 1987; CHARLOT, 2016).

[4] O observatório da Violência é uma organização sem fins lucrativos formada por diversos pesquisadores como sociólogos, criminalistas, antropólogos, psicólogos, assistentes sociais entre outros profissionais que estudam, monitoram e divulgam a violência no Brasil. A entidade atua coletando dados sobre e produzindo análises, relatórios e divulgando informações sobre criminalidade e a violência no país.

[5] A rede Safernet é uma entidade que monitora a ocorrência de violência no país. É composta por profissionais de diversos segmentos e formações dentre eles jornalistas, criminalistas e sociólogos, juristas, antropólogos entre outros. Link do Portal: < https://indicadores.safernet.org.br/helpline/helplineviz/helpchart-page.html . > Acessado em 01 de abril d e2024.

[6] Organização jornalística que mede a violência praticada por escolas e por professores contra aluno(a)s. Disponível em: < https://observatorioescolar.com.br/ >. Acessado em janeiro de 2024.

Este estudo é uma proposição que tenta alertar para a gravidade do impacto da violência sistêmica na saúde mental e laborativa ao profissional docente. Dessa forma, tem-se como objetivo analisar a tipologia da violência sofrida pelos docentes no exercício laboral de sua função e como tais ocorrências implicam no desempenho profissional destes professores.

Para tanto, necessita-se cada vez mais de estudos sobre possíveis mecanismos efetivos de combate à violência bem como na redução do *status* de terror que paira sobre o ambiente escolar. A violência em sociedade vem se firmando como evento sistêmico, ocorrendo diariamente na vida de docentes, equipe técnica escolar e aos próprios alunos nos mais diversos estabelecimentos de ensino seja de forma direta ou indireta. Todavia, percebe-se uma maior ocorrência nas escolas públicas e, notadamente, da periferia urbana:

> Atos de violência na escola são normalmente identificados, por professores, políticos ou pelos meios de comunicação, como atos de criminalidade ou de "vandalismo". Parece-nos que as explicações precisam ser um pouco mais complexas, pois se alguns atos delituosos certamente existem e podem visar os bens das escolas e das pessoas, há outros cuja significação pode ser diversa. Conseguimos identificar atos de depredação, muito frequentes, sem furto de bens, mas tão-somente sua dilapidação, no próprio espaço escolar, como atos de violência enquanto reação social contra a escola (SANTOS, 2001, p. 113).

Embora José Vicente Santos (2001) teça em sua obra tais aspectos da violência escolar, outros não são facilmente observáveis ou mensuráveis como os de caráter indireto. Para o autor há uma maior complexidade sobre as motivações da prática da violência escolar e demais delitos; estes, ocasionados e/ou provocados pelas violências psicológicas, por exemplo. A academia possui inúmeros estudos e pesquisas que investigam a violência nas escolas sob a ótica da macro estrutura, das conjunturas sociais, ambientais e até sob a perspectiva dos alunos, mas poucos estudos apontam os desdobramentos sobre o profissional docente.



Figura 01 - Fonte: CNN/Brasil[7]

Um estudo recente da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) aponta que 01 (um) a cada 03 (três) professores da rede básica infantil sofre com distúrbios, transtornos e síndromes decorrentes da pressão laboral.[8] Desde fatores que refletem na condição física dos educadores, como exaustão e fadiga, a fatores de âmbito psíquicos, psicológicos e cognitivos como: depressão e transtornos de ansiedade, pânico e *Burnout*[9], tais implicações geram um ciclo de consequências e impactos na vida dos professores. Tal dado alerta para um quadro que se avoluma no cotidiano das secretarias de educação pelo país: a violência sofrida pelo profissional docente. Dito isso, foi apresentado o cerne dessa pesquisa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Mas como surge a violência? Teria a escola tornado-se uma arena? Qual sua origem e a relação com o ambiente escolar? A indagação surge quando repensamos não

[7]Para consultar a reportagem na íntegra acesse: https://twitter.com/CNNBrasil/status/1663196826562863106?s=20. Acessado em 12 de novembro de 2023.

[8] Os dados estão na dissertação de mestrado da estudante Raphaela dos Santos Gonçalves, apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde (PPGICS). Disponível em < https://www.unifesp.br/noticias-anteriores/item/6407-sindrome-de-burnout-atinge-quase-1-3-dos-as-professores-as-da-educacao-basica-revela-pesquisa-da-unifesp>. Acesso em 22 de julho de 2023.

[9] A síndrome de *Burnout* se caracteriza como um máximo esgotamento de origem laboral que se expressa pela explosão de reações macro e micro condicionadas ao trabalho (Nota do autor).

apenas no papel do professor em sala de aula, mas também nas consequências da violência sofridas por tais professores no âmbito escolar. A violência incorre na alteração ou mudança de atuação deste profissional no exercício de suas funções? Há alguma mudança em curso na atual sociedade ao que tange a sociabilidade escolar? São muitas questões levantadas e postas à mesa.

2.1 A MISSÃO DE ENSINAR NA ARENA ESCOLAR

A discussão levantada sobre a temática é complexa, pois abrange diversos fatores (inter e intra relacionais) e compreende perspectivas múltiplas, requerendo uma visão holística do macro e micro universo de cenários, considerando não só o sujeito em si, mas as conexões sociais, políticas, culturais, familiares e psicológicas (BAUMAN, 2021b). Tamanha a complexidade exigida pelo evento que a sua abordagem temática perpassa por múltiplos olhares e perspectivas para um vislumbre discursivo na academia ou mesmo em sociedade (BLUM; PEREIRA, 2014; CHARLOT, B., 2016; SANTOS, 2001; BAUMAN, 2021a).

Nos espaços escolares, a violência se mostra sob vários aspectos: desde ataques ao patrimônio público escolar até ameaças, insultos, xingamentos e assédios verbais, físicos e psicológicos não só aos alunos, mas também aos professores e demais agentes públicos da educação. A violência, historicamente, sempre existiu em sociedade. A História da Humanidade está repleta de eventos que utilizaram-se da violência em seu curso, a exemplo das guerras e disputas bélicas como vemos na atualidade com a Guerra da Ucrânia ou os ataques à Gaza. Na escola a violência segue, por vezes, estimulada pela disputa de poder (interna ou externa) dos grupos de convívio, pela autoafirmação social ou deriva de conflitos oriundos da relação aluno x professor ou professor x professor (SOARES, 2006). O conflito é inerente ao ser humano e constitui advento comum de convívio social:

> ... o conflito faz parte do convívio humano, visto que nas formações sociais está sempre em jogo uma imensa diversidade de desejos, necessidades e interesses antagônicos que constantemente entram em choque. Mesmo quando recalcado, o conflito não deixa de existir; ao

> contrário, na maioria das vezes, ele retorna com mais força ainda. (BLUM; PEREIRA, 2014, p. 04).

Embora o conflito não signifique, a priori, violência em si, a sua incidência pode ser adensada em virtude de outras arestas de relacionamento que se avolumam e resultam em práticas de ação de violência verbal ou física. Afim de amenizar conflitos, busca-se a adoção de políticas educacionais que insiram práticas dialógicas na resolução de tais contendas e impasses que venham surgir do convívio escolar. Mitigando-se animosidades e possíveis desdobramentos que ocasionem danos físicos (BAUMAN, 2007). Haja vista, a violência ser facilmente exposta na pele, porém muito se negligenciam sob os aspectos psíquicos, psicológicos, morais e éticos infligidos pela violência sofrida nas escolas. O disciplinamento apontado por alguns teóricos, e adensado pelo senso comum, não resolvem todas as celeumas do fato:

> O ser humano é resistente ao disciplinamento, portanto incapaz de assujeitamento sócio comportamental buscando singularidade e heterogeneidade de suas ações". Assim, a indisciplina social e escolar é estrutural, precisando ser combatida de forma legal e através do planejamento e engajamento das esferas públicas de poder, família e da educação transformadora (BLUM; PEREIRA *apud* LIMA JÚNIOR, 2022).

Aliada a essa conjuntura de retrocesso na segurança nas escolas destaca-se os impactos sofridos pelos agentes educacionais, professores e demais profissionais de ensino no Brasil. A classe de docentes encontra-se vulnerável sendo cada vez mais suscetível aos ataques e a toda possível violência sofrida no âmbito escolar. Os estragos sociais e o vilipêndio percebido na educação pós golpe de 2016 (destituindo da presidente Dilma Roussef) foi avassalador. Representou a decadência social e educacional, além de avanços de uma onda de crimes, ataques e perseguição aos professores no país inteiro.



Figura 02 - Fonte: CNN/Brasil[10]

O discurso realizado pela elite fascista que defende os interesses da extrema direita política brasileira que compara professores a traficantes, vagabundos ou marginais merecedores de sofrimento e violência[11] potencializou a sensação de insegurança e hostilidade social por toda a parte contra a classe docente (MENEGAT, 2020). Para a direita fascista brasileira:

> Não tem diferença de um professor doutrinador para um traficante que tenta sequestrar e levar os nossos filhos para o mundo do crime. Talvez até o professor doutrinador seja ainda pior, porque ele vai causar discórdia dentro da sua casa, enxergando a opressão em todo o tipo de relação. Fala que o pai oprime a mãe, a mãe oprime o filho e aquela instituição chamada família tem que ser destruída (Eduardo Bolsonaro – PL/SP, fala proferida em Evento Pró Armas em Brasília / DF em 10/07/2023).

Os ataques terroristas às escolas no Brasil vêm crescendo exponencialmente nos últimos anos, ganhando roupagem padrão *Made in USA*; o que por si só já é visto com grande preocupação pelos setores de segurança e educação. Percebe-se então uma falha grave nas campanhas de conscientização e apelo por uma sociedade de paz nos últimos anos. Aliada a tal sensação de insegurança institucional, some-se a degradação da qualidade de vida do profissional docente (SOARES, 2018).

[10] Para consultar a reportagem na íntegra, acesse: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-05/brasil-teve-23-ataques-escolas-mais-da-metade-nos-ultimos-4-anos

[11] CNN/Brasil. **Eduardo Bolsonaro compara professores a traficantes; PF deve analisar fala**. Disponível em < https://www.cnnbrasil.com.br/politica/eduardo-bolsonaro-compara-professores-a-traficantes-pf-deve-analisar-fala/> Acessado em 25 de jul. 2023.

O ódio social, engrossado pela atual polarização política no Brasil, vem estigmatizando os professores nos últimos anos. Sendo estes a classe mais atacada pela nefasta classe política (LATERMAN, 2000; MENEGAT, 2018). Quem não recorda do Massacre de 29 e abril de 2015 na qual o então prefeito de Curitiba (PR), Carlos Alberto Richa, conhecido popularmente por Beto Richa (PSDB) deu ordem que a polícia e a cavalaria militar atacasse com armas um protesto pacífico de mais de 1500 professores que lutavam contra perda de direitos trabalhistas[12]. A selvageria praticada resultou em mais de 200 feridos; para escandalizar o fato vídeos viralizaram na internet nos quais os políticos riam dos professores que eram espancados e atingidos por armas (tamanha era a desproporcionalidade da força praticada pela PM paranaense).

Este caso é um dos tantos que ocorreram no Brasil nos últimos anos. Pesa sobre a classe docente inclusive a insegurança patrimonial, pois nesse sentido quando não são atingidos diretamente verbal e/ou fisicamente por desafetos em ambiente escolar os seus bens são depredados, degradados e atingidos (carros, motos, etc). Hoje, os casos de ausências e afastamentos por motivo de saúde e demais transtornos e síndromes de cunho psíquico estão entre as maiores motivações e causas de atestados médicos nas Secretarias de Educação do país inteiro (AQUINO, 2003; BISPO, LIMA, 2014).

Ristum (2001, p. 97) cita que os professores não estão prontos para lidar com as mais diversas violências no Brasil. Considera ainda que a formação docente brasileira não prepara adequadamente para a lida, em sala de aula, de crianças em situação de rua e/ou vulneráveis sociais (SANTOS, 2001; SOUZA, 2019).

Para além da fala de Ristum (2001) observa-se que o despreparo não se resume a origens destas crianças e jovens que adentram em sala de aula, mas também as ocorrências de impacto que se mostram fora desse aspecto. Os professores apontam, por exemplo, que se sentem pressionados, ameaçados, sobrecarregados em virtude das demandas institucionais que se somam a um estado de quase torpor psicológico e comportamental (SOUZA, 2019).

[12] Jornal de notícias "El País". **PM reprime protesto de professores em Curitiba e mais de 200 se ferem.** Disponível em < https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/29/politica/1430337175_476628.html > Acessado em 25 de jul. 2023.



Figura 03 – Foto de Joka Madruga[13].

Outro fantasma que se evidencia nestes últimos anos são os transtornos e as síndromes que implicam nos adoecimentos acometidos pela esfera comportamental e física bem como a psicológica e mental. Dentre estes arroubos destaca-se o *Burnout* como uma síndrome de grande avanço na sociedade em especifico nas atividades laborais. O *Burnout* se caracteriza pela explosão inesperada de um surto seguida da exaustão de um sujeito em razão de suas atividades laborais. O esgotamento; exaustão e fadiga crônica aliada as pressões e estresses da profissão corrobora para o estado e *Burnout* (NOGUEIRA, 2020; BAUMAN, 2021b).

A OMS definiu em 2022 o *Burnout* como uma doença de caráter laboral e o Brasil é o segundo país em número de afastamento e licenças médicas decorrentes dessa síndrome. Para Eduardo Perin[14] (2019):

> Esse profissional começa a ficar mais frio e distante das pessoas a sua volta, passa a ver outras pessoas de uma forma menos humana, com mais agressividade, como se ele desenvolvesse um humor ácido com o estresse, fala do trabalho de uma forma mais fria. Até que isso tudo entra em pane, ele acaba não suportando e adoece (Guia Médico Brasil, 2019[15]).

[13] Para consultar a reportagem na íntegra, acesse: https://mab.org.br/2015/05/06/ato-re-ne-25-mil-pessoas-em-apoio-aos-professores-do-paran/

[14] Especialista em terapia cognitivo-comportamental pelo Ambulatório de Ansiedade do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo.

[15] "Após 1 ano de pandemia, síndrome de Burnout cresce ainda mais"Eduardo Perin, Psiquiatra, Guia Médico Brasil. Disponível em <

Os estudos sobre a violência negligenciaram em grande parte os docentes. Expurgando os professores para uma redoma de aprisionamento circunstancial tal qual uma arena, sem considerar, por exemplo, que estes são tão vítimas quanto os alunos, sendo estes últimos, habitual foco do protagonismo de tantos e tantos estudos sobre segurança social escolar (SOUZA, 2019)..

3. METODOLOGIA:

Minayo (1993) aponta que a pesquisa é a atividade que precede a descoberta da realidade. É a ciência em sua atuação que revela sistematicamente uma solução e/ou resposta de uma problemática prévia do pesquisador. E, nesse sentido a une a teoria (base empírica) e a prática investigativa (métodos) para elucida-la.

A metodologia aplicada durante o estudo utilizou-se da pesquisa descritivo-bibliográfica. Para Gil (1999) as pesquisas descritivas têm como meta "à descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis".

Foi adotado como ferramenta de pesquisa um questionário[16] (instrumento de coleta de dados) de participação voluntária e com perguntas fechadas e abertas aplicado a um grupo amostral de escolas públicas da cidade de Natal (municipal e estadual) o que possibilitou um levantamento no intuito de se realizar uma análise concreta dos cenários em ambientes escolares reais vivenciados pelos docentes.

A coleta de dados ocorreu no período entre setembro à outubro de 2022 nas 06 (seis) escolas elencadas por zonas urbanas. Os questionários foram enviados ao corpo docente das escolas públicas, a saber:

a) escolas estaduais:

- E. E. Dom José Adelino Dantas;
- E. E. Dióscoro do Vale;

https://guiamedicobrasil.com.br/pages/noticias/geral/apos-1-ano-de-pandemia-sindrome-de-burnout-cresce-ainda-mais/335>. Acessado em 21 de agosto de 2023.

[16] Para melhor visualização o questionário segue inserido no corpo da pesquisa (item 3.1).

- E. E. Walfredo Gurgel; e
- E. E. Manoel Vilaça.

b) escolas municipais:

- E. M. Adelina Fernandes; e
- E. M. João Paulo II.

A pesquisa teve ainda como delineamento a análise qualitativa dos dados coletados e a discussão analítica (ORLANDI, 2020; PEUCHEUX, 1993) a respeito dos apontamentos e respostas obtidas nestes mesmos questionários. As autoras falam ainda;

> Feita análise, e tendo compreendido o processo de se ver os resultados vão estar disponíveis para que o analista os interprete de acordo com os diferentes instrumentos teóricos dos campos disciplinares nos quais se inscreve e de que partiu (ORLANDI, 2020, p.26).

Já Strauss & Corbin (2008) definem o método como recurso que reúne os meios sistemáticos (padronizados) que irão conduzir o pesquisador durante o estudo. Os mecanismos e técnicas adotadas para obter informações e sistematiza-las para uma análise mais profunda e síncrona ao objeto da pesquisa.

3.1 RESULTADOS OBTIDOS;

Para Orlandi (2020, p. 24) a análise do discurso busca compreender a relação do entendimento linguístico em relação ao simbólico e ao sentido das coisas. Para além das falas e linguagem, busca o significado intrínseco do simbólico, da língua e dos atos, inclusive, através de sua ideologia de mundo.

Os resultados demográficos e estatísticos obtidos na pesquisa pelo questionário apontaram respostas às seguintes questões abaixo elencadas[17]:

DO PERFIL SOCIAL, DEMOGRÁFICO E LABORAL:

[17] As perguntas subjetivas foram tratadas no corpo capitular analítico dos resultados (item 3.2).

a) Sobre a identificação de gênero do profissional docente:

Mulheres (%)	Homens (%)	Outro(s) (%)
68%	32%	-

b) Sobre a idade do profissional docente até a data de 31/12/2023:

Menos de 25 anos	25 a 35 anos	36 a 45 anos	46 a 55 anos	Acima de 55 anos
04%	**29%**	**32%**	26%	09%

c) Sobre o tempo de exercício da profissional docente:

Menos de 01 ano	01 a 05 anos	06 a 10 anos	11 a 20 anos	Acima de 20 anos
02%	12%	**33%**	**38%**	15%

d) Sobre a titulação acadêmica do profissional docente:

Graduação	Aperfeiçoamento	Especialização	Mestrado	Doutorado
02%	12%	**57%**	**20%**	09%

e) Sobre qual série/ano escolar no qual atua profissionalmente:

Ensino Infantil	Fundamental I	Fundamental II	Ensino Médio
15%	23%	**25%**	**37%**

DO SOFRIMENTO, INCIDÊNCIA E/OU EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA:

f) Já houve necessidade de comunicar eventos de violência institucional:

Não. Não comunicou	Sim. Já comunicou
10%	**90%**

g) Sendo positiva a resposta anterior, sua comunicação/denúncia foi investigada ou atendida:

Não	Sim.
52%	**48%**

h) Em seu ambiente profissional você percebe alguma ação/ou política de combate à violência escolar:

Sim. Percebo.	Não. Não percebo.
12%	**88%**

i) Você se sente seguro no exercício rotineiro de sua profissão docente:

Sim.	Não.
11%	**89%**

j) Você já presenciou algum tipo de violência na escola?

Não.	Sim.
0%	**100%**

k) E sendo positiva a resposta anterior, qual tipo de violência foi presenciada: Verbal (agressões com palavras, xingamentos e ofensas) ou Física (danos físicos ou materiais – propriedade privada como a veículos, etc.)?

Verbal	Física
02%	**98%**

l) Sobre a violência percebida entre aluno x aluno:

Física	Verbal	Não soube definir
98%	02%	-

m) Sobre a violência entre aluno x professor:

Física	Verbal	Não soube definir
32%	**68%**	-

n) Sobre a violência entre professor x professor:

Física	Verbal	Não soube definir
12%	**38%**	50%

DAS QUESTÕES SUBJETIVAS:

o) Em sua opinião qual a principal causa da violência na escola praticada pelos alunos?

p) Qual sua opinião sobre o impacto da violência no desempenho docente em seu ambiente de trabalho?

q) Quais seriam as estratégias de prevenção à violência a serem adotadas pela escola em sua opinião?

r) O que poderia ser feito para a construção de um ambiente escolar mais seguro?

s) Quais cursos, formações e treinamentos sobre violência vocês já tiveram? E, em caso de sim, se foram eficazes?

t) Proporia alguma operação ou ação a ser realizada na escola no intuito de combater a violência?

u) Por fim, você enquanto professor(a), acrescentaria algo ou alguma observação sobre a temática da violência escolar nesta entrevista?

3.2 ANÁLISE DE RESULTADOS:

A análise dos resultados se pautou nas informações obtidas através dos questionários aplicados, bem como a adoção de técnicas de estudo destas informações como a análise do discurso, a análise qualitativa dos dados (ORLANDI, 2020; PEUCHEUX, 1993) e as demais conexões estabelecidas entre os dados tabulados e o referencial teórico utilizado na pesquisa. As conexões puderam sustentar a hipótese do problema pesquisado e aferir resultados e considerações ao fim do corrente artigo.

A característica do profissional docente apontada pela estatística informa que o perfil demográfico do professor estudado é do sexo feminino (68%); com idade entre 36 a 45 anos (32%); com titulação acadêmica de especialista/lato sensu (57%); e com o efetivo exercício da docência de 11 a 20 anos (38%) e, por fim, atuando no Ensino Médio (37%).

As mulheres perfazem 68% do corpo de professores ativos, estando inclusive mais suscetíveis a violência institucional, pois adentram aspectos misóginos, machistas e sexistas em sua degradação psicológica (RISTUM, 2001). Outro dado importante aponta a faixa etária de 67% destes professores situar entre 36/45 a 55(+) anos, o que significa que são indivíduos maduros e com idades mais suscetíveis ao adoecimento.

Para 90% dos entrevistados houve a necessidade de comunicar/denunciar sobre eventos de violência institucional. E, para eles, 52% das queixas não foram plenamente resolvidas, pois embora o patrulhamento compareça, haja investigação dos fatos e/ou se apure ocorrências. As devolutivas dos casos denunciados por parte das autoridades são mínimas. Tão pouco a ocorrência de violência cessa após tais denúncias (SOARES, 2006).

Já para 88% dos entrevistados não há percepção de ações de combate a violência escolar em seu ambiente de trabalho. A falta de políticas públicas de proteção ao exercício do magistério nas redes públicas é fator evidente. Foi observado também que as escolas não oferecem apoio ou rede integrada de resolução de conflitos nos próprios ambientes escolares.

Para 89% dos entrevistados há um sentimento de grande insegurança na atuação de sua profissão; já outros 11% se sentem seguros quanto ao exercício de suas funções magisteriais.

Já os dados analíticos sobre a violência escolar informam que 100% dos entrevistados presenciaram algum tipo de violência (física e verbal), sendo em sua maioria entre alunos; perfazendo um total de 98% dos entrevistados que afirmaram ter testemunhado agressões físicas, enquanto apenas 2% destes docentes visualizaram agressões verbais entre os alunos. A totalidade dos docentes apontaram ter percebido a

violência em ambiente escolar; tal cifra expõe a recorrência da prática da violência nestes ambientes (violência sistêmica), o que reforça outros fatores percebidos.

No quesito violência entre pares docentes, os entrevistados apontaram que viram algum tipo de violência verbal entre colegas docentes (38%), já para 12% foi observada a violência física entre professores. Tal estatística, embora bem menos observada, denota disputas de interesses ou ambientes hostis com estímulo à animosidade. Neste sentido o gerenciamento de crises e conflitos é essencial para dirimir tais ocorrências.

Quanto a violência praticada entre aluno x professor, 68% dos docentes apontaram que presenciaram atitudes de violência verbal entre aluno e professores; já para 32% dos entrevistados foram presenciadas a violência física e/ou patrimonial.

Diante dos seguintes fatores: violência x motivação e satisfação no trabalho - As respostas apontaram de modo considerável que os impactos são negativos desestimulando o exercício da profissão (87%); para outro grupo de entrevistados a mudança de atuação profissional está sendo considerada (09%); outros apontaram redução de carga horária e/ou associação com empreendimento particular (04%). Tais resultados reforçam o quadro de insatisfação destes docentes ante o exercício laboral.

Sobre as principais causas da violência escolar pelos alunos – os entrevistados informaram que a ausência de educação e/ou acompanhamento familiar é fator decisivo na causa da violência escolar entre os alunos (82%); mas também pontuaram que a extrema pobreza e falta oportunidades para as famílias reforçam os aspectos da desestruturação desses lares (11%); outro fator apontado é o assédio do mundo do crime (07%) a estes jovens estudantes (principalmente do sexo masculino).

Já sobre os Impactos no Ambiente de Trabalho da violência x as relações entre colegas docentes – Os entrevistados definem como negativo o impacto nas relações de trabalho; pois segundo estes provoca disputas por espaço entre colegas docentes e cria barreiras de comunicação (91%). O desenvolvimento ou manutenção de ambiente hostil ou de animosidade refletem negativamente na convivência e na apatia nos relacionamentos, implicando no agravamento da insociabilidade entre pares (misantropia).

Sobre a violência escolar x desempenho profissional – Foi apontado o estresse e a impaciência gerada por tal instrumento (72%); o que acaba por causar problemas de ordem psicológicas como principais fatores de impacto ao desempenho escolar do profissional docente; além de fadiga excessiva; desestimulo ao exercício da docência**.** Outro fator apontado (que também pode ser encarado como consequência direta) é o adoecimento de docentes por carga de estresses e traumas (28%) que incorre em aumento do número de ausências devido a atestados de saúde por não atingimento de metas ou pelo afastamento de sala de aula.

Sobre Estratégias de Prevenção e Intervenção – como prevenir a violência escolar - Para parte significativa dos entrevistados a Ronda Escolar constante e efetiva de guardas municipais; presença de policiais nas escolas; bem como programas permanentes de combate a violência seriam formas de combate e inibição da violência nas escolas (46%); Outros entrevistados apontaram a criação de uma rede de apoio institucionalizada e/ou uma equipe de Crise e atuação numa perspectiva de ação antiviolência instaurada nas escolas (54%)**.**

Sobre a construção de um ambiente escolar seguro para os docentes e alunos - com aplicação de programas e ações de combate efetivos; com a união sinergética dos poderes públicos e institucionais; programas permanentes de combate a violência; da criação da rede de apoio institucionalizada; entre a instauração de uma cultura de paz nas escolas e nas mídias sociais foram apontadas por 89% dos entrevistados. Coadunando com os apontamentos de Bauman (2013) sobre uma cultura dialógica e mantenedora de uma cultura de paz.

Sobre treinamentos ou orientações sobre o tema da violência e sua eficácia: 84% dos docentes entrevistados informaram que já tiveram treinamentos e cursos que abordaram a temática da violência, ao passo que 16% afirmaram que nunca tiveram cursos ou treinamento a respeito. Importante frisar que dos 84% dos que tiveram curso/treinamento, 90% destes não os consideraram eficazes. Para eles os cursos ocorrem de modo eventual e até alguns aspectos sobre a temática são vistos nos cursos de atualização pedagógica, porém não são considerados exitosos.

Sobre a proposição de algum tipo de ação conjunta ou força tarefa que você acha importante para escola ter em função do combate a violência escolar – A existência e aplicação de Programas efetivos de combate a violência; visitas e assessoramento de psicólogos ou assistentes sociais nas escolas. Integração das políticas sociais e escolares no combate a violência foram apontadas como iniciativas válidas para 91% dos entrevistados.

Foi perguntado se os docentes entrevistados queriam acrescentar pontos de vistas sobre o impacto da violência no trabalho - 76% dos entrevistados responderam que sim. Apontando que se percebe uma piora nos índices de sucesso da escola, que acarreta no impedimento do alcance de metas institucionais. Outro fator importante é a desestruturação de equipes docentes através de desestímulos e falta de engajamento, coesão e união profissional, afetando o planejamento geral; incitando a disputas internas e crises de relacionamento entre pares docentes. E, por fim, as ausências dos professores.

Finalmente, de modo geral, 88% os professores entrevistados também ressaltaram ser negativos, e consideravelmente grandes, os impactos da violência na vida profissional docente; provocando dentre alguns fatores: desestímulo ao exercício laboral docente; mudança de profissão; solicitação de redução de carga horária; pedidos de cessão/remoção/redistribuição à outros órgãos do governo (saída da sala de aula) e/ou prática de ações auto empreendedoras (como abertura do próprio negócio).

Outro percentual considerável de 83% indicou a ausência de uma cultura de paz e setores/órgãos institucionais de resolução de crises. Sobre as ocorrências de afastamentos e ausências laborais, em especial os que se pautam em atestados de cunho psíquico advindo de cargas de estresses, picos de ansiedade, esgotamento físico e fadiga laboral, tais características, segundo médicos psiquiátricos e a OMS são sintomas de doenças laborais como o *Burnout* (NOGUEIRA, 2020*)*. Já em algumas ocasiões, os próprios entrevistados relataram ocorrência de casos de *Burnout e* esgotamento extremo na escola.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação no Brasil foi durante muito tempo restrito às elites. Historicamente o acesso ao ensino era exclusividade dos abastados e poderosos. E mesmo em tempos atuais pouco mudou tal dinâmica de favorecimento desta elite nacional à educação. Da inércia do Estado em implementar políticas efetivas e democráticas de acesso à educação igualitária quanto a própria construção de um modelo de educação que almeje concretudes ambientais, laborais e espaciais para além da alfabetização basilar meta em foco para os anos 60/70.

Já os anos de gestão progressista no executivo brasileiro (2003 a 2016) refletiram-se através dos altos investimentos no setor educacional, com ampliação de programas de acesso à educação; na interiorização do ensino com a construção de diversas novas universidades e campis de institutos federais de ensino[18]; com aumento no número de escolas nas cidades e escolas de educação no campo; repasses orçamentários; 10% do Pré-Sal (através dos Programas: Passaporte para o Futuro e Royalties do Pré-Sal; e demais políticas públicas de reforço à educação)[19]. Todos os esforços apontavam para uma disparada na qualidade e nos índices de mensuração de desempenho na educação.

Porém, tais avanços sofreram um grande baque nos últimos anos; tanto no período pós golpe (2016) com a derrubada da gestão de Dilma Roussef e assunção de Michel Temer, bem como, especificamente, durante a Era Bolsonarista (2018-2022). Observou-se uma manobra intencional das alas conservadoras e ultraliberais através de vários e sucessivos desinvestimentos massivos na educação – no intuito de torna-la menor, subalterna e funcional às indústrias e mercado de capitais. Ora, bastava-se saber as operações matemáticas, ler e assinar o nome – diziam os poderosos que gerenciavam as organizações de poder econômico. E, nessa leva de enquadrar a educação também se demonizou os professores.

[18] Entre 2003 a 2018 – Foram criadas 18 novas universidades federais, sendo 173 campus universitários e mais de 360 institutos federais de ensino no país. Disponível em < http://portal.mec.gov.br/setec-programas-e-acoes/expansao-da-rede-federal .. Acessado em abril de 2024.

[19] Ler "Projeto de lei pode tirar até R$ 360 bilhões da educação". Disponível em: https://educacaointegral.org.br/reportagens/projeto-de-lei-pode-tirar-ate-r-360-bi-da-educacao/. Acessado em 21 de maio de 2023.

Logicamente, a própria interface da sociedade atual interferiu na sequência dos fatos, assim o fator tempo e espaço influenciaram nesse novo constructo social de violência a qual é exposta a classe docente. Vivemos uma Era com inúmeras especificidades: com a mudança avassaladora das comunicações e interações sociais. Uma Era e, por conseguinte, sociedade marcadas pela tecnologia, celeridade, dispensabilidade social e urgência das vontades. As plataformas midiáticas e seus aplicativos ditam moda e costumes e assim parece instaurar comportamentos, hábitos e práticas que invocam uma nova cultura de perspectiva apática; cibernética; volátil e expositiva (BAUMAN, 2013; BAUMAN, 2021b).

Por questões de disputa de poder; aceitação social e autoafirmação no grupo, indivíduos (principalmente jovens) e grupos se digladiam e instauram um ambiente competitivo e de franco conflito. A violência é algo que também surge destes embates e assim, alcança espaços como escolas e salas de aula com certa frequência, conforme observado nesta pesquisa.

Não distante, os professores direta ou indiretamente se tornaram vítima desse ciclo de disputas e violência conforme nos mostra os resultados da pesquisa. Gerando um fenômeno social que se reflete no adoecimento, esgotamento, ausências, desestímulos, apatia e demais ocorrências que também reflete nas organizações de ensino dificultando ou alterando o alcance de metas e desempenho. Tal cenário favorece que se instaure uma certa caoticidade institucional comprometendo avanços organizacionais e um descolamento de percepção da realidade de vulnerabilidade dos professores (SOARES, 2006).

Então a permanência deste *status quo* é intencional, pois favorece as elites da atualidade o não desenvolvimento do cidadão crítico e pensante; aliada a tal premissa some-se o fato do esfacelamento das políticas públicas de inclusão, que foram criadas e ampliadas em gestões anteriorese que sofreram enormes retrocessos em seus índices de desempenho e sucesso escolar ba gestão do executivo entre 2018 a 2022. Tal engodo impactou negativamente no desenvolvimento do sistema educacional brasileiro. Observou-se neste mesmo período (2018-2022), por exemplo, que a agenda pública voltou-se para o favorecimento das instituições privadas de ensino e em contrapartida as

políticas geradas desobrigavam o Estado de investimento na educação em todos os seus níveis superior, médio e infantil (MENEGAT, 2020;SOUZA, 2019).

Nesse sentido, alinhada a uma perspectiva de um cenário instaurado de violência sistêmica; retração de investimentos; de mudanças sociais e comportamentais promovidas pelas plataformas midiáticas; da instauração da cultura da superexposição; da virtualização das relações e demais cenários que englobam a sociedade como: a constante pressão social por desempenho; resultados e sucesso. Tais fatores, direta ou indiretamente, particularmente ou em associação a outros, refletem de médio a longo prazo na saúde física e mental destes docentes. Os resultados obtidos confirmam a hipótese da pesquisa ao elencar a percepção da violência neste público pesquisado, mais que isso, a sensação de constante estado de alerta/tensão/*estresse* advindo da insegurança física e mental condiciona estes professores a uma pressão extra e a um quadro de adoecimentos diversos.

Saliente-se que o perfil do profissional docente apresentado na pesquisa é do sexo feminino; com idade entre 36 a 45 anos; o que potencializa a exposição a episódios de agressões machistas, sexistas e misóginas além de vulnerabilizar fisicamente tais professoras. Outro fator importante é que 67% destes professores são considerados maduros, com faixa etária compreendida entre 36/45 a mais de 55 anos, portanto, mais suscetíveis ao adoecimento.

As soluções plausíveis a serem discutidas pela sociedade; sejam no âmbito público ou privado; pela academia; pelos agentes públicos governamentais e/ou pelos organismos de poder político devem incutir a preservação e integridade física e mental destes professores a ponto de não torná-los descartáveis ou meramente substituíveis:

> Um espectro paira sobre os cidadãos do mundo líquido moderno e todos os seus esforços e criações: o espectro da superfluidez. A modernidade líquida é uma civilização do excesso, da redundância, do dejeto e do seu descarte (BAUMAN, 2013, p.17).

A superfluidez apontada por Bauman (2013) atinge o tecido social quando pensamos na dispensabilidade do sujeito; da sua fluidez existencial e da sua banalização como ser social. Assim, a sociedade age como reparadora, reativa e une os esforços institucionais, que em sua maioria, buscam um ajustamento de conduta por parte de

envolvidos. Não se percebe um constructo sinergético que promova a construção de uma cultura de paz a nível organizacional ou de apoio e solução gerencial.

Por fim, permitam-me uma digressão poética, mas pertinente à temática tratada neste estudo:

"Salvem a professorinha!!!"[20]
Dizia um personagem caricato em um tal programa de humor;
Em tom jocoso e teatral nos idos dos anos 1990 e 2000....
Passadas tantas décadas eu paro e penso:
Onde andaria essa clemente professorinha?
Será que ela ainda resiste, se persiste
ou sequer nem mais existe...

(TBLJ, 04/08/2023)

Dedico a todos os professores e professoras
Que, de alguma forma, foram vítimas
da violência escolar no Brasil...

A temática aqui abordada carece de maiores pesquisas e aprofundamentos; ser melhor expandida e adensada afim de criarmos uma discussão global, que sensibilize as autoridades e agentes políticos. Que possamos tratar e visibilizar tais ocorrências dando atenção para esse advento que acomete a classe de professores e a sociedade como um todo na Era dos adoencimentos mentais. A violência escolar sofrida pelos professores é uma emergência real e precisa ser visibilizada como algo a ser combatido. As soluções apontadas/sugeridas que poderiam atuar como prática de ação inicial em prol dos docentes vitimizados incluem: a criação *in loco* de gabinete de crises escolares, grupos de apoio ao docente e tratamento psicológico e/ou terapêutico para os professores que sofreram violência.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Brasil teve 24 ataques a escolas; mais da metade nos últimos 4 anos No total, 45 pessoas morreram e 137 ficaram feridas. BOND, Letycia. Disponível em:<

[20] Referência a fala/bordão do personagem Caco Antibes (interpretado por Miguel Falabella) no sitcom "Sai de Baixo" exibido nas noites de domingo na Rede Globo de TV.

https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-05/brasil-teve-23-ataques-escolas-mais-da-metade-nos-ultimos-4-anos>. Acessado em 21 de julho de 2023.

AQUINO, Julio Groppa. (Org.). Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas. São Paulo: Moderna, 2003.

BAUMANN, Zygmunt. Vida Líquida. 217 p. Editora Zahar: 2007.

_____. Sobre educação e juventude - conversas com Riccardo Mazzeo. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Ed. Zahar.RJ: 2013.

_____. Modernidade Líquida. 280 p. Editora Zahar: 2021a.

_____. Tempos Líquidos. 120 p. Editora Zahar: 2021b.

BENJAMIN, W. Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos. Seleção e apresentação Willi Bolle; trad. Celeste H. M. Ribeiro de Sousa et al. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

BISPO, Fábio Santos; LIMA, Nádia Laguárdia de. A violência no contexto escolar: uma leitura interdisciplinar. Educação em Revista Belo Horizonte v.30 n.02 p.161-180 Abril-Junho 2014.

BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília, DF, 2015.

_____. Lei nº 13.277, de 29 de abril de 2016. Institui o dia 7 de abril como o Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência na Escola. Brasília, DF, 2016.

_____. Lei nº 13.663, de 14 de maio de 2018. Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. Brasília, DF, 2018.

_____. Lei nº 14.164, de 10 de junho de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir conteúdo sobre a prevenção da violência contra a mulher nos currículos da educação básica, e institui a Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher. Brasília, DF, 2021.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede, Volume I. Editora: Paz e Terra: 2005.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Sociologias, Porto Alegre, v. ano 4, n. jul. Dez, 2002. p. 432-442.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222002000200016&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 21 de ago. 2023.

DA MATTA, R. Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro. 352 p. Editora Rocco: 1997.

DUNKER, C. Mal-estar, Sofrimento e Sintoma: uma Psicopatologia do Brasil Entre Muros. 416 p. Editora Boitempo: 2015.

DRAWIN, C. R. O paradoxo antropológico da violência. In: ROSÁRIO, Â. B. do; KYRILLOS NETO, F.; MOREIRA, J. de O. (Org.). Faces da violência na contemporaneidade: sociedade e clínica. Barbacena: EdUEMG, 2011. p.12-32.

FLEURI, R. M. Rebeldia e democracia na escola. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v.13, n.39, p.470-482, set./dez. 2008.
_____. Entre disciplina e rebeldia na escola. Brasília, DF: Liber Livro, 2008.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

_____. Pedagogia do oprimido. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FRANKLIN, Ursula M. The Real World of Technology. Editora: House of Anansi Press Ltd ,Canada. 144 p. Ano: 1990.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão (1927). In: FREUD, S. O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.21, p.11-63. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud).

_____. O mal-estar na civilização (1930). In: FREUD, S. O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.21, p.65-148. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud).

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.

GOTZENS, Concepción. A disciplina escolar: prevenção e intervenção nos problemas de comportamento. 2. ed. Porto Alegre: Art. Med. Editora, 2003.

GUIMARÃES, Áurea M. Indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, J. G. (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. 8. ed. São Paulo: Summus, 1996.

HADDAD, Sérgio. DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de Jovens e Adultos. Revista brasileira de educação. Mai/Jun/Jul/Ago. 2000.

HAN, B. C. Sociedade do cansaço. Editora: Vozes. 136 p. Ano: 2015.

LATERMAN, I. Violência e Incivilidade na escola. Editora letras Contemporâneas: 2000.

LIMA, N. L.; REZENDE, A. O. O poder normativo nas escolas e seus efeitos sobre os sujeitos. Revista Estilos da Clínica, São Paulo, v.18, n.1, p.34-52, abr. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282013000100003&lng=p t&nrm=iso>. Acesso em: 25 março 2024.

LIMA JUNIOR, Tarcisio Bezerra De. "Te pego no recreio": a violência nas escolas e a observação sócio-educativa através de memes. VII CONEDU - Conedu em Casa... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/79512>. Acesso em 21 de julho de 2023.

PEREIRA, Antônio Igo Barreto; BLUM, Vera Lúcia. Poder, resistência e indisciplina escolar: a perspectiva docente sobre os comportamentos transgressores dos alunos. Revista Educ. Públ. Cuiabá, v. 23, n. 54, p. 739-757, set./dez. 2014.

PINHEIRO-MACHADO, R.; SCALCO, L. M. (2014). Rolezinhos: Marcas, consumo e segregação no Brasil. *Revista Estudos Culturais*. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/revistaec/article/view/98372>. Acessado em 21 de jun 2023.

MAFFESOLI, Michel. A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MENEGAT, Marildo.. A convergência do terror. Metaxy: Revista Brasileira de Cultura. Ano 2020. Disponível em: < https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy/announcement/view/437>. Acessado em 12 de março de 2024.

_____. A crítica da economia política da barbárie: Entrevista com Marildo Menegat. Revista Maracanan, n. 18, p. 268-276, jan./jun. 2018. Disponível em: < https://www.e-publicacoes.uerj.br/maracanan/article/download/31056/23109/107343 >. Acessado em 12 de março de 2024.

MINAYO, M. C. S., 1982 O Desafio do Conhecimento. São Paulo: Hucitec.

NOGUEIRA, Marcos de Jesus. Diagnóstico Psiquiátrico Um Guia Transtornos de Personalidade e Transtornos do Controle de Impulsos. 252p. Editora: Atheneu Ltda: 2020.

ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso: princípios e procedimentos.13. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

PÊCHEUX, M. O discurso: estrutura ou acontecimento. 12ª ed. São Paulo, d: Pontes, 1993.

RISTUM, M. O Conceito de Violência de Professoras do Ensino Fundamental, 2001. Tese de Doutorado, Salvador: Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.

_____. Psicologia Escolar: um trabalho de parceria com uma escola pública. Não publicado. 2008. (Mimeo)

SANTOS, J. V. T.. O muro da escola e as práticas de violência. 2001.

SILVA, L.H.; AZEVEDO, J.C. (Org.). Reestruturação curricular: teoria e prática no cotidiano da escola. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 228-234.

SILVA. Tarcizio. Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. Editora SESC: 2022.

SILVEIRA, S. A. (Org.) A sociedade de controle: Manipulação e modulação nas redes digitais. 2ª ed. 160 p. Editora; Hedra: 2021.

_____. Colonialismo de Dados: Como Opera a Trincheira Algorítmica na Guerra Neoliberal. 200 p. Editora: Autonomia Literária: 2021.

SOUZA, Jessé. A elite do atraso. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

SOARES, L. E. Elite da tropa. 316 p. Editora: Objetiva. Ano: 2006.

_____. Artigo publicado no Jornal de Direitos Humanos, Educação e Segurança Pública. Blog da Luiza Sansão. (Extraído do original publicado na Revista Nova Escola de 2018). Ano: 2018. Disponível em: < https://outraspalavras.net/luizasansao/2018/10/15/estado-precisa-disputar-jovens-com-o-trafico-diz-luiz-eduardo-soares/ >. Acessado em 04 de abril de 2024.

SPOSITO, M. P. A instituição escolar e a violência. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.104, p.58-75, jul. 1998. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741998000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 junho 2023.

_____. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n.1, p. 87-103, jan./jun. 2001.

STRAUSS, A., CORBIN, J. (2008). Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. (Tradução Luciane de oliveira da Rocha). 2. ed., Porto Alegre: Artmed, 288.

UNESCO. Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial. Brasília, DF, 2019.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: < https://images.app.goo.gl/zL6narK3rDyiVmya8 >. Do original da CNN.

Figura 02: < https://images.app.goo.gl/fpeSnhJpeJpF6VSy5 >. Do original da CNN.

Figura 03: < https://images.app.goo.gl/UvFWTf8h9fSrZvWE8 >. Por Joka Madruga.